

(Escrito por André Midani.)

Lembrando das tantas emoções que Gil me proporcionou durante as nossas longas vidas profissionais e pessoais (já se vão 35 anos de trabalho um colado no outro, um ajudando o outro), recordei estar sentado, talvez em 78, no gramado da Fonte Nova lá na Bahia certamente de noite, quando olhei o mar humano entrando e os portões sendo fechados.

Naquele momento, mais de 40 mil pessoas estavam lá dentro, enquanto outro tanto tentava derrubar as portas do estádio cheio para ver o show "Não Chore Mais", com Gil e Cliff.

Lembro que, no estádio perigosamente superlotado, ouvia todo mundo gritando apaixonadamente, mais do que cantando cada verso: "amigos presos, amigos sumindo assim pra nunca mais..."

Me lembro de ter chorado muito da tragédia na época, da coragem e da grandeza do meu amigo Gilberto. Amigo que me ensinou a ser como eu sou, amigo com o qual eu sempre pude contar.

Muitos e muitos anos se passaram, e lá por 99 Gil pensou em gravar as canções do Bob Marley, mas deve ter, além de pensado, maturado, porque só em 2001, eu estando no Rio ele me disse que ia gravar o Marley, "porque não tinha o que mexer no material... e era só ir pra Jamaica levando alguns músicos daqui e o resto será com o pessoal de lá... sim, com o pessoal de lá... por sinal, estamos ensaiando e há muito tempo você não vem a um ensaio meu vê se aparece".

Apareci duas vezes no estúdio de ensaio, lá no Leblon, com janela pro mar... os arranjos da banda tomando uma primeira forma. E logo deu para ver que os músicos jamaicanos iriam desaparecer e na verdade já estavam desaparecendo pouco a pouco do projeto, porque as bases estavam ficando muito fortes.

Dali o Gil me convidou para encontrar o grupo todo na Jamaica, na época da gravação.

De NY pego o avião e vou direto do aeroporto para o Tuff Gong Studio, em Kingston.

Passei três dias trancado lá, sem mesmo visitar o Linton Kwesi Johnson, incomparável poeta jamaicano que eu admiro e muito.

Passei três dias ouvindo as bases já gravadas pelos músicos, a hora dos overdubs, o Sérgio, que colocava uma guitarra aqui, o Cláudio, que colocava um teclado ali, o Gustavo, que punha uma percussão acolá etc., etc.

Além disso, na tarde do segundo dia, chegaram as I -Threes: Rita Marley, de sorriso iluminado e majestoso, Marcia Griffiths e Judy Mowatt, fazendo os mais luxuosos backing vocals e dando o aval jamaicano para a gravação.

Enquanto isso, Lula Buarque e a meninada da Conspiração filmavam a extraordinária entrevista de Rita e Gil, além da festa dentro do estúdio, a

visita de Gil às favelas locais e tudo o que acontecia para o DVD, para o disco, para a documentação da viagem e, principalmente, para a constatação natural de que, naquele momento, Gil cuidava como ninguém de tudo e de todos.

As primeiras canções que eu ouvi na Jamaica foram a genial "Kaya já na gandaya, kaya já, nem que a chuva kaya" e pensei: Como pode? De onde o Gil foi tirar esses versos??? Ouço "Lively Up Yourself", "Buffalo Soldier" e "One Drop". Viro a cadeira e digo pro Gil: "Gilberto, meus parabéns. Pela primeira vez você traz o teu cantar do palco pro disco. Você relegou o pudor estético para o segundo plano e está cantando pelas entranhas, com raiva nas canções masculinas ("...they made the world so hard, every day we got to keep on fightin'..."), com amor nas canções femininas ("...I want to give you some good lovin'..." e "...tears in my eyes burn while I'm waitin' for my turn...") e com revolta sempre ("...stolen from Africa, brought to America, fighting on arrival, fighting for survival...").

Num certo sentido, Gil aos 60 anos está cantando melhor do que está cantando, apesar de estar cantando melhor do que nunca.

Gil hoje canta, ou conta, como se estivesse explicando a seus netos, ao redor da lareira de Araras, o que é a vida:

"Forget your troubles and dance, forget your sorrows and dance..."

"I'm just extending the shores of my sea... To state that state of togetherness the oneness that means not to die..."

"Se encontrarei Deus ou permanecerei só, se ainda hei de abraçar minha vó..."

Volto para New York e, uns dois meses depois, de novo para o Rio de Janeiro, onde o Tom Capone abruptamente me leva ao seu estúdio, chamado, apropriadamente, de a "A Toca do Bandido", onde me defronto com outra beleza: os metais já gravados — e que metais — prenunciando arranjos estonteantes.

Voltei para New York e, dois dias atrás, Flora me chamou dizendo que Gil queria que eu fizesse o press release do disco.

Penso e lembro que, por acaso, o Washington Olivetto, com quem eu tenho colaborado bastante ultimamente, está por aqui e tem uma cópia da gravação final do disco que o Gil mandou para ele num momento de carinho daqueles que só o Gil é capaz de ter.

Lá vou eu encontrar o Washington.

Abrimos um champanhe...já que o Gil merece... e começamos a ouvir o disco. Para minha total surpresa... berimbau, sanfona, flauta e tudo mais

que tinha sido incluído depois.... apareceu..., dando um surpreendente e misterioso toque nordestino ao projeto.

(Como acaba de dizer o Washington, o trabalho de recomposição musical e poética é magistral.)

Gonzaga, o cangaceiro, e Marley, o rastaman, seus maiores ídolos, estão lá, reunidos e renascendo em um só personagem: Gil, o baiano. O sertão virou mar e o mar virou sertão, Marley vira cangaceiro e, como sempre, Gil vira o mago encurtador do gap entre as raças e as gerações. (comentário do Washington).

Resumindo: eu adoro incondicionalmente este disco, porque é obra resultante de uma vida e obra-prima de um artista e de um artesão ímpar.

Adoro incondicionalmente o talento, a generosidade, a humanidade do Gilberto e agradeço à vida ter feito meu caminho cruzar o dele.... porque é um privilégio...grande privilégio.

P.S.: Em todo estúdio que se preza, tem sempre um tipo misterioso que não tem função bem definida, senão quebrar todos os galhos.

No Tuff Gong também tinha: era um chinês magro, com larga e parca barba branca, bem chinesa, rabo-de-cavalo, nenhuma fluência em inglês e que dormia a maior parte do tempo dentro do estúdio.

Naquele estúdio (estúdios são normalmente lugares tranquilos, particularmente nas cabines de gravação), tínhamos também algo atípico: um entra-e-sai danado de uns negrões imensos, inicialmente mal-encarados, que, na segunda vista ou audição, abriam um sorriso enorme e se divertiam e se desmanchavam de prazer ouvindo aquela música.

Provavelmente tanto ou até mesmo mais do que eu e o Washington naquela tarde de primavera de 2002 em New York.

André Midani

Written by André Midani

Thinking over the many emotions that Gilberto Gil has made me feel over our long professional and personal lives (over 35 years of extremely close work, one helping the other), I remembered sitting, maybe in 1978, on the football field of Fonte Nova stadium, in Bahia, certainly at night, when I saw a sea of people entering and the gates closing.

In that moment, over 40,000 people were inside while the same number of people were trying to knock down the doors of the full stadium to watch the concert "Não Chore Mais" (Don't Cry Anymore) with Gil and Jimmy Cliff.

I remember that in the dangerously over-packed stadium, I heard everybody shouting full of enthusiasm instead of singing each verse of the Portuguese version of "No Woman No Cry", which says: "friends who were imprisoned, friends who are disappearing forever..." *

I remember that I cried a lot then because of that tragedy, the courage and the greatness of my friend Gilberto. A friend who taught me to be as I am, a friend on whom I could always count.

Many many years passed and around 99, Gil thought to record Bob Marley songs. Besides thinking about he must have also matured the idea. Just in 2001 he told me when I was in Rio, that he was going to record Marley, "because I didn't have to change the material... I just have to go to Jamaica taking some musicians with me and the rest can be done with people from there...yeah, with Jamaican musicians...by the way, we are rehearsing and you haven't appeared for a while in my rehearsal... come by".

I went twice to the rehearsal studio, in Rio de Janeiro, with a beautiful view of the sea...The band arrangements were starting to get a shape. Soon, I noticed that the Jamaican musicians would disappear, and, in fact, they were little by little disappearing from the project, because the rhythm tracks were already very strong.

Then, Gil invited me to meet the group in Jamaica, during the recording time. I took a plane from New York and went straight ahead from the airport to the Tuff Gong Studio, in Kingston. I was locked there for three days, without visiting Linton Kwesi Johnson, an incomparable Jamaican poet who I really admire.

I spent three days hearing the rhythm tracks already recorded by the musicians and the overdubs sessions. Sergio included a guitar here, Claudio included a keyboard there, Gustavo put the percussion here and there, etc. etc.

Besides that, on the second day in the afternoon, the I-Threes arrived: Rita Marley, with a luminous and majestic smile, Marcia Griffiths and Judy Mowatt, doing the most magnificent backing vocals and giving the Jamaican approval for the recording.

At the same time, Lula Buarque and the guys from Conspiração video producer were filming the extraordinary interview given by Rita and Gil, the party inside the studio, Gil's visit to local slums and everything that was happening for the DVD, the album, the trip documentation and, mainly, the natural evidence that, in that moment, Gil was taking care of everything and everybody as no one else could do.

* The song "No Woman No Cry" was versioned by Gilberto Gil during the military dictatorship in Brazil.

The first songs I heard in Jamaica were the genial "Kaya já na gandaya, kayá, nem que a chuva kaya" (Portuguese version from the original "Kaya") and I thought: "How come? Where did he get these verses??? I heard "Live Up Yourself", "Buffalo Soldier" and "One Drop". I turned in my chair and said: "Gilberto, congratulations. For the first time you brought your stage singing to the album. You relegated the esthetical chastity to a second stage and you are singing from your guts, with anger in the masculine songs ("...they made the world so hard, every day we got to keep on fightin'...") with love in the feminine songs ("...I want to give you some good lovin'... and "...tears in my eyes burn while I'm waitin' for my turn..."") and with the consistent revolt ("...stolen from Africa, brought to America, fighting on arrival for survival...").

In a certain way, Gil with his 60 years of age, is telling stories better than singing, in spite of singing better than ever. Today, Gil sings, or tells, as he is explaining to his grandchildren, around a fireplace in a mountain city, what life is:

"Forget your Troubles and dance, forget your sorrows and dance..."

"I'm just extending the shores of my sea... To state that state of togetherness the oneness that means not die..."

"If I will meet God or will stand alone, if I will ever embrace my grandmother..."

I returned to New York and, two months later, went back again to Rio de Janeiro. Tom Capone took me directly to his studio, named appropriately as "The bandit burrow", where I was faced with another beauty: the recorded brass sections – and what a brass section! – presaging the stunning arrangements.

I went back to New York and received a call from Flora Gil saying that Gilberto wanted me to write the press release for the album. I thought about it and I remembered that, by coincidence, Washington Olivetto, a Brazilian publicist with whom I have collaborated a lot in recent times was in the city. He had a copy of the final recording of the album sent to him by Gil in a moment of tenderness, as only he is capable of having.

And then I went to meet Washington. We opened a champagne... Gil deserves it...and started to listen the album. To my total surprise... *berimbau* (a Brazilian instrument), accordion, flute and everything else that was included after... appeared... *giving a surprising and mysterious touch of Brazilian Northeast to the project* (as Washington just said, the work of musical and poet re-composition is magisterial).

His main idols Luiz Gonzaga, the Cangaceiro, and Marley, the Rastaman, are there together and reborn in just one character: Gil, the man from Bahia. The hinterland became the sea and the sea became the hinterland. Marley became the cangaceiro and, as always, Gil became the magician who shorten the gap between the races and generations (a Washington comment).

Resuming: I love this album unconditionally, because it's the result of a life and it's a masterpiece of an artist and a singular artisan. I unconditionally love Gilberto's talent, generosity, humanity. And I give thanks to life, which made my path cross with his... because it is a privilege... a great privilege.

PS: In every serious studio there is always a mysterious person, who doesn't have a defined function, but is there to be a gopher. At the Tuff Gong there was also one: it was a skinny Chinese man, with a long and thin white beard, ponytail, no English at all and who spent the better part of his time sleeping in the studio.

In that place (studios are normally calm places, particularly the recording cabins) there was also an unusual thing: a continuous coming and going of big black men, initially with non-friendly faces. But after a second meeting or audition they laughed with a big smile and had a lot of fun and pleasure hearing that music. Probably as much or even more than Washington and I had in that 2002 spring afternoon in New York.

André Midani